

**GUERRA DAS ESTRELAS, UM PRESENTE DO PASSADO,
EM ABORDAGEM DIDÁCTICA***

A originalidade é impossível. No máximo, podemos variar muito ligeiramente o passado, dar-lhe um novo matiz, uma nova entonação. Cada geração escreve o mesmo poema, conta o mesmo conto. Com uma pequena diferença: a voz.

Jorge Luís Borges

Numa sociedade cunhada pelo peso de uma avassaladora globalização, do incontornável poder dos *media* e de uma tecnologia cujo avanço nos surpreende a cada dia que passa, e em que as Humanidades não têm, aos olhos de muitos, o necessário pragmatismo e “utilidade” inerente a esta cultura, cabe ao Professor a árdua mas exequível tarefa de “ganhar audiências” em plena época de *panem et circenses*.

Intermediário que estabelece a ponte entre o saber e a realidade, verdadeiro guardador de rebanhos, torna-se, nos dias de hoje, um autêntico malabarista do saber. O Professor vê-se a braços com factores socioculturais de dispersão que afastam, de uma forma geral, o seu público-alvo - os alunos - do Conhecimento e da Escola. Há que transformar esses factores “inimigos” do saber em adequados, convictos e sedutores aliados do ensino. Ceder não é a palavra de ordem, mas sim analisar sensatamente as (eventuais) potencialidades didáctico-pedagógicas dessas forças que movem massas nesta sociedade da informação.

O cinema, a música, o teatro, a publicidade e a Internet são apenas alguns dos “iscos” de que o Professor pode e deve fazer uso para chamar a si os alunos. A sociedade ao serviço do Conhecimento, numa constante

* O presente texto retoma a comunicação “*Guerra das Estrelas* - o legado estóico à luz do sabre de George Lucas” por nós apresentada no Colóquio de Estudos Clássicos “Antiguidade Clássica e Nós: Herança e Identidade Cultural”, organizado pela APEC em Outubro de 2005 na Universidade do Minho. Explora-se neste estudo, no entanto, em mais pormenor, o filão didáctico-pedagógico do filme de Lucas.

transdisciplinaridade e multidisciplinaridade, frutífera no vaivém contínuo que constitui o processo de ensino-aprendizagem.¹

Esta reflexão inicial prende-se com a leitura/abordagem didáctica que apresentamos neste artigo, através do qual se pretende fornecer uma proposta pedagógica que se destina principalmente aos alunos de Latim do Ensino Secundário, mas também a qualquer tipo de discentes, em nível de iniciação, de Língua ou Cultura Latina (bem como de Grego, Filosofia e História) que tenham como objecto de estudo as escolas filosóficas gregas, suas características e princípios gerais.

Até agora, o programa de Latim do Ensino Secundário tem dedicado à temática da influência da filosofia grega na cultura romana algum do seu espaço curricular. A Academia, o Liceu, o Epicurismo e o Estoicismo surgem (quase) sempre referenciados nos manuais escolares, ora por meio de explanações teóricas e informativas², ora através de selecções criteriosas de textos latinos, de autores como Cícero e Séneca³, a traduzir pelos alunos.

Julgamos, dada a importância ideológica desta matéria, dever o Professor acompanhar a sua leccionação, recorrendo a ferramentas que expandam os horizontes dos discentes e que os façam assimilar estes conceitos, não numa base simplesmente teórica. É vital que estes compreendam que os textos sobre cultura e civilização greco-romana que lêem e o Latim que traduzem não se perderam, nem ficaram esquecidos no tempo. A sua influência está em cada gesto que encenamos, em cada palavra que proferimos, em cada atitude que tomamos. Sem darmos conta disso, somos um Presente do Passado. E são os mais jovens, as mais tenras “vítimas”, a apresentar maiores dificuldades em entender esta questão da “herança cultural”.⁴ Já não basta explicar-lhes a importância de conhecer as

¹ Cf. AA. VV. *Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal*, Lisboa, M.S.I., 2: «Cabe ao sistema educativo fornecer os meios necessários para dominar a proliferação de informação, de seleccionar e hierarquizar os seus dados com espírito crítico (...)».

² Vide Martins, Isaltina F./Soares, João S., *LATIM 3: língua - história literária - cultura*, Coimbra, Almedina, 1996, 269-278.

³ Vide Borregana, António A., *Novo Método de Latim 12.º*, Lisboa, Lisboa Editora, 2005, 33-60. Atente-se na larga selecção de textos filosóficos de cariz estóico da autoria de Séneca, privilegiando o autor, desta forma, o poeta-filósofo cordobense.

⁴ Cf. Ricci, R. “O perfil do Educador para o século XXI: de boi de coice a boi de cambão” in *Educ. Soc.* 20, n.º 66 (1999) 167: «Em virtude da nova geração receber uma gama inimaginável de informações e mercadorias que rapidamente são

Línguas e Culturas Clássicas, argumentando com tiradas como por exemplo: “É importante aprender Latim, porque a nossa língua/cultura deriva do Latim e da cultura romana e, se soubermos Latim, saberemos falar melhor Português”.

Nesta época de imediatismos e pragmatismos, o cinema que, nas palavras de Lotman, «apresenta um modelo do mundo real»⁵ revela-se um poderoso e atractivo recurso que o Professor pode manejar nesta sua missão de sensibilizar e cultivar as mentes mais novas, “materializando” conceitos que conhecem apenas dos livros.

Esta ideia da arte cinematográfica como “agente educativo” poder-se-á aplicar também, e com bons resultados, julgamos, ao ensino da cultura clássica. Felizmente que o início do presente século⁶ nos brindou com um ressurgimento dos temas da Antiguidade, das histórias de heróis e da fantástica mitologia greco-latina. Assistimos ao renascimento de um universo que, desconhecido ou adormecido para alguns, uma vez descoberto nos dá a conhecer os sólidos pilares da nossa civilização.⁷

superadas, instala-se uma nova relação com o tempo. As novas gerações experimentam com sofreguidão a necessidade de se sentirem contemporâneas ao presente. Por outras palavras, toda a novidade se lhes escapa por entre os dedos porque a informação, ou produto, obtida há instantes é superada em poucos dias (...) Daí uma profunda ansiedade e pragmatismo.»

⁵ Lotman, Y., *Estética e Semiótica do Cinema*, Lisboa, Estampa, 1978, 135.

⁶ Veja-se que a sétima arte nunca foi alheia à herança da Antiguidade e as décadas de 50 e 60 do passado século são disso clara expressão. A título de exemplo, recordemos *Quo Vadis*, *Spartacus* ou *Ben-Hur*, excelsos representantes da época dourada do *peplum*.

Para uma visão alargada, e bastante útil do ponto de vista pedagógico, da presença do mundo greco-romano no cinema, na ficção televisiva, no cinema de animação, vide *Catálogo de filmes e de obras musicais de tema clássico*, edição do Congresso Internacional Som e Imagem no Ensino dos Estudos Clássicos (Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Instituto de Estudos Clássicos, 2001), disponível em www.uc.pt/eclassicos/varia/material.html, de Ana da Piedade Elias Pinheiro, Luís Fernandes (cinema) e Luísa de Nazaré Ferreira (música).

⁷ Filmes como *O Gladiador* de Ridley Scott (2000), *Tróia e Alexandre, o Grande*, respectivamente de Wolfgang Petersen e Oliver Stone (2004) são verdadeiras odisséias cinematográficas que, com maior ou menor rigor e fidelidade históricas, contribuem para a demonstração de que a cultura clássica continua a exercer grande curiosidade e fascínio entre todos nós, e de que o *mythos* nunca morre.

Não terá sido, por acaso que López Eire terá afirmado um dia que, se Aristóteles fosse nosso contemporâneo, faria do cinema o núcleo da sua *Poética* pelo facto de constituir o género poético de imitação de acções, paixões e caracteres humanos teleologicamente perfeito.⁸

Sendo assim, apresentamos como sugestão didáctica para a leccionação da filosofia estóica e sua influência e implementação em Roma o visionamento de excertos e/ou sequências da saga cinematográfica *Guerra das Estrelas* (*Starwars* no original) do realizador George Lucas.

De facto, a saga de Lucas não parece, à primeira vista, estabelecer qualquer tipo de relação com a Antiguidade Clássica. Contudo, ao visionarmos atentamente qualquer um dos “capítulos” da magistral obra de George Lucas, é impossível negar a herança clássica que perpassa por esta produção, ainda que, por vezes, de uma forma subtil e esbatida.⁹ Na verdade, o próprio afirmou, em tempos, que foi seu desejo recriar os mitos antigos para o público actual.¹⁰

E conseguiu-o através da re-criação de novos heróis épicos, mais ou menos divinos, perfazendo tumultuosas caminhadas, pejadas de encruzilhadas, quase inultrapassáveis numa busca incessante. Caminham pela vida, divididos entre o “eu” e a pátria, o dever e o amor, e o Bem e o Mal, sob o peso de crimes e culpas hereditárias. Mais do que encontrar a sua longínqua Ítaca, estes desejam encontrar-se a si mesmos. É esta a tragicidade das personagens de Lucas, que não terão a mesma carga emotiva de um Ulisses ou de um Aquiles homéricos ou mesmo de um Édipo sofocliano, mas apresentam, em si, traços ideológicos que o realizador foi beber, assumidamente, aos grandes clássicos da Antiguidade e seus sucessores.¹¹

⁸ Vide López Eire, A., *Poéticas y retóricas griegas*, Madrid, Editorial Síntesis, 117.

⁹ Cf. N. Simões Rodrigues, “Da Odisseia à Eneida”, *BEC* 44 (Dezembro 2005) 168: «Muitas são as criações em BD, como na literatura e no cinema, que têm a Antiguidade Clássica como ponto de partida. Na maior parte dos casos, porém, essa influência é camuflada, subvertida ou não assumida. Exemplo disso é o caso de G. Lucas e da sua saga *Star Wars* (...)».

¹⁰ Apud Bouzereau, L., *Star Wars: The Annotated Screenplays*, New York, Del Rey Books, 1997, 27.

¹¹ Nas palavras do cineasta Manoel de Oliveira, «O cinema só trata daquilo que existe, não daquilo que poderia existir. Mesmo quando mostra fantasia, o cinema agarra-se a coisas concretas. O realizador não é criador, é criatura».

Alguns atribuirão, contudo, o sucesso desta saga e o fascínio que exerce em públicos de faixas etárias tão díspares e tão separados pelo tempo às maravilhas da tecnologia que delicia, levando ao êxtase visual, pequenos e graúdos, através da exploração “quase” obcecada de meios digitais de última geração, e que conseguem transportar até o espectador mais céptico a cenários de uma fantasia quase onírica. Os meios tecnológicos permitiram a Lucas concretizar um sonho seu que passou, felizmente, a fazer parte do nosso imaginário pessoal e colectivo. E é nesse momento que encontramos a alavanca que move a sétima arte... Quando o *mythos* ganha uma expressão mais que sensorial, quase palpável... Nas palavras do próprio realizador, este criou uma “arte que deixou de ser fotográfica para ser pictórica”.¹²

Por isso, *Star Wars* não vive apenas da magia da tecnologia. A saga ganhou vida, sim, através da construção de personagens fortes, bem delineadas, sólidas, que se tornaram em verdadeiros símbolos para gerações de pais e filhos, numa saga que Lucas quis (consciente ou inconscientemente) que tivesse os seus alicerces no “*ethos* do perfeccionismo”.¹³

Analisaremos, assim, os pontos de contacto entre esta saga e o estoicismo, e procuraremos demonstrar como a doutrina de Zenão e de Séneca enforma ideologicamente a obra de Lucas, quer ao nível da física e da cosmologia, quer no que diz respeito ao idealismo moral e ético, cuja relação de solidariedade é estreitíssima entre os Estóicos.¹⁴

A *priori*, os alunos, em situação de aula, estarão já minimamente familiarizados com a saga *Guerra das Estrelas*. Não será de mais, contudo, proceder a uma breve contextualização¹⁵ da história da família *Skywalker* – à

¹² Sobre o mito e a relação com o cinema afirma Baudrillard que «Num período de história violenta e actual (...) é o mito que invade o cinema como conteúdo imaginário. É a idade de ouro das grandes ressurreições despóticas e lendárias. O mito, expulso do real pela violência da história, encontra refúgio no cinema». Vide Baudrillard, J., *Simulacro e simulação*, Lisboa, Relógio d'água, 1991, 59.

¹³ Feliz expressão de que Edelstein fez uso para se referir à doutrina estóica. Vide Edelstein, L., *The meaning of the stoicism*, Martin Classical Lectures, Harvard University Press, Cambridge, vol. XXI, 1966, 11.

¹⁴ Estes distribuíam os problemas filosóficos em três partes indissolúvelmente unidas – Lógica, Física e Ética - sendo que Zenão e Crisipo davam a primazia à Lógica, seguidamente ao ramo da Física e, finalmente, à Ética (D. L. *SVF* I, 46).

¹⁵ A *Guerra das Estrelas*, *O Império Contra-Ataca*, *O Regresso de Jedi* (cronologicamente, episódios IV, V e VI, lançados nos anos de 1977, 1980 e 1983)

letra, “Caminhante do Céu” - antes do visionamento das sequências seleccionadas¹⁶ pelo Professor, em constante diálogo vertical e horizontal.

Depois da contextualização, em diálogo com os alunos e através da tradução de textos filosóficos concernentes à temática, cabe ao Professor mostrar aos discentes algumas cenas exemplificativas dos princípios estoicos que Lucas adoptou, moldou e aplicou ao drama familiar que construiu e dividiu em seis actos.

Passamos a destacar, então, algumas frases-chave e cenas/momentos cruciais em que os motivos ideológicos da saga vão ao encontro dos objectivos didáctico-pedagógicos que dizem respeito à leccionação da temática estoica.

Natureza/Destino/Providência/Divina/Liberdade

Julgamos, pois, que os efeitos especiais em Lucas servem a mensagem e não o contrário (situação contrária ocorre em muitas das películas da indústria cinematográfica norte-americana). Relembremos também o caso da transposição para o grande ecrã da história épica de Tolkien, em que os ambientes não são *meros* espaços onde as personagens deambulam.¹⁷

compõem a primeira trilogia que narra a história de dois irmãos gémeos - laços de parentesco que, só mais tarde, viríamos a descobrir existirem entre ambos - *Luke Skywalker* e a princesa *Leia*, em luta constante contra o malvado Imperador e o Lorde *Darth Vader*, pelo controlo da galáxia.

A década de noventa viu nascer o primeiro capítulo daquela que seria conhecida como a trilogia-*prequela* da saga, em que G. Lucas relata a história de vida de *Anakin Skywalker*, o pai dos gémeos. Assim, com *A Ameaça Fantasma* (1999), *O Ataque dos Clones* (2002) e *A Vingança dos Sith* (2005) assistimos ao *curriculum vitae* do jovem *Anakin*, a sua infância, adolescência, o percurso até se tornar um cavaleiro da Ordem *Jedi* e, por último, a sua conversão ao *Lado Negro* da *Força*, transformando-se no temível *Darth Vader*. Somos espectadores do desenrolar de uma verdadeira epopeia, iniciando-se esta, como manda a tradição clássica, *in medias res*.

¹⁶ Julgamos que a apresentação de trechos de 15 a 30 minutos é suficiente. No entanto, o Professor deverá tomar esta decisão, tendo em conta as temáticas específicas que pretende abordar através de cada sequência de filme, e também do tempo que perspectiva dedicar à leccionação dos respectivos conteúdos.

¹⁷ Peter Jackson, realizador da trilogia “Senhor dos Anéis”/*Lord of the Rings* assume a sua filiação lucasiana, na criação de uma Natureza, também ela muito própria e especial, diríamos mesmo, insuflada pelo sopro divino.

Na verdade, os ambientes e as personagens digitalmente fabricadas injectam o filme de Vida. Estes meios tecnológicos, imprescindíveis na criação plástico-artística de locais e seres pertencentes a um universo fantástico (ou melhor, a concretização dos mesmos), assumem o carácter de uma verdadeira “Personagem” no enredo, na medida em que a natureza não se limita a desempenhar a função de mero “pano de fundo”. Esta, (re)criada por Lucas, é também ela parte viva de UM TODO. Ela é o TODO.

É, assim, importante mostrar aos alunos de que forma o conceito de natureza estóica percorre os capítulos desta viagem intergaláctica. Estamos perante um cosmos que parece ele animado e governado por uma Razão universal que insufla todos os seres e acontecimentos. Nestas seis narrativas, nada acontece por acaso. Natureza e *fatum* são uma e a mesma coisa.

A Natureza é, pelos estóicos, concebida como um organismo vivo, uma matéria dominada por uma força divina. Não é irracional; está organizada por um *logos* que é concebido como razão cósmica e tudo no universo se articula com essa ordem cósmica e segue o seu curso. Daí viver segundo a Natureza seja a suprema virtude e a grande máxima a alcançar.¹⁸

Esta visão do cosmos nasce em verdadeiro confronto com o Epicurismo. Assim, frente a um mundo completamente deixado ao acaso, ao poder da *tychê*, os estóicos vêem no universo uma ordem dotada de finalidade (teleologia) e na natureza um ser vivo dotado de alma. Fazem de Deus a própria alma do mundo.

Veja-se o Episódio I¹⁹ em que *Obi-Wan Kenobi* (personagem interpretada por Ewan McGregor) e *Qui-Gon Jinn* (Liam Neeson), respectivamente, mentor e discípulo da Ordem *Jedi*, descobrem, no planeta *Tatooine*, o jovem *Anakin*, uma criança escrava, de uma inteligência fora do comum, dotada de reflexos rápidos e poderes especiais. A mãe daquele que viria, um dia, a tornar-se no mais poderoso cavaleiro *Jedi* e ceder ao *Lado Negro* da *Força* diz-lhes: **“Ele pode ajudá-los. Estava destinado a ajudar.”**

Veja-se a presença do Destino e da Providência Divina estóica que percorrerá os seis “actos” desta saga. Providência essa que põe à prova, duramente, aqueles que almejam alcançar a verdadeira *eudaimonia*. Uma caminhada em direcção à *uirtus* que implica que o Homem se conforme à

¹⁸ Cf. Séneca, *Ep.* 66, 39: *Quod est hominis summum bonum? Ex naturae uoluntate se gerere.*

¹⁹ *Guerra das Estrelas – A Ameaça Fantasma/Star Wars: Episode I – The Phantom Menace* (1999), USA, 133’, realização e argumento de G. Lucas.

Natureza, se submeta à Razão, pois só esta o conduz ao Bem, afastando-se dos *uitia*.

A infelicidade e a dureza da vida devem ser aceites, por isso, como meios de aperfeiçoamento do ser humano. Se existe mal, dor e sofrimento é porque a ordem natural assim o exige e contra isso nada se pode fazer, senão aceitar (quase resignadamente) o que a vida nos oferece. Trata-se de um determinismo que nada tem de fatalismo persecutório. E não nos esqueçamos de que, apesar da existência deste determinismo, não se coloca em causa a noção de liberdade.

Atente-se, a propósito da noção de liberdade estóica, a cena²⁰ em que a criança, “aliciada” pelos cavaleiros *Jedi*, se depara com um verdadeiro dilema - ficar em *Tatooine* e crescer como uma criança normal, ou deixar o seu planeta, rumo ao desconhecido para aprender e desenvolver as suas capacidades especiais e inatas. Este interroga a mãe sobre a sua partida. Esta responde-lhe: “**Anakin, a via foi colocada à tua frente, a decisão cabe-te só a ti..**”

Sobressai aqui a noção de liberdade e livre arbítrio. Ainda que, submetido a uma ordem racional e cósmica que une o mundo e constitui uma espécie de universo de forças, é a liberdade interior que conduz o homem e o leva a escolher entre o caminho do Bem e o caminho do Mal.²¹ Seja qual for a via escolhida pelo ser humano, essa escolha estará já “talhada” nas malhas de um Destino.²²

Neste primeiro episódio da saga, *Qui-Gon*, referindo-se ao pequeno *Anakin* que decidira entretanto partir com eles e deixar a mãe, afirma: “**Conhecemo-nos não foi coincidência. Nada acontece por acaso.**”

Mais uma vez Lucas re-aproveita o conceito de Destino estóico – a Razão Universal como Vontade de Deus. A própria mãe de *Anakin*, quando vê o filho, hesitante e temeroso pela decisão que acabou de tomar, lhe

²⁰ Ibidem.

²¹ Concepção posteriormente re-aproveitada pelo doutrina judaico-cristã.

²² Terá Séneca afirmado *Ducunt uolentem fata, nolentem trahunt*. (*Ep.* 107,11). Mas liberdade e destino não se excluem mutuamente. E, de facto, o Cordovês não se cansa de exortar a que o Homem viva de acordo com a natureza pois recebe dela inúmeros benefícios - a inteligência, a tranquilidade de espírito, a justiça, a coragem, a reflexão, a sagesa, entre outras *uirtutes* vitais para a ascese moral.

diz: “Não se impede a mudança, tal como não se impede os sóis de desaparecerem no horizonte.”²³

Assim, tudo o que acontece está de acordo com a natureza universal, numa verdadeira cosmologia vitalista em que todo o universo é um ser vivo cuja alma, cujo sopro ígneo, através de todas as coisas, sustenta as partes. Daí decorre também a noção de simpatia universal (*sympatheia tôn ôlon*), a verdadeira harmonia cósmica, tão cara aos discípulos da *Stoa*.

A Força lucasiana/Natura estóica

A frase “May the Force be with you” tornou-se numa das frases mais emblemáticas da história do cinema e uma autêntica máxima cósmico-ética. Fala-se ²⁴ de uma “profecia daquele que trará Equilíbrio à Força” e *Qui-Gon* diz ter encontrado o tal rapaz por “desejo expresso da Força”²⁵ e que há nele uma “convergência da Força”.²⁶ Mas afinal o que significa esta Força?

Na verdade, o conceito de Força é o resultado de uma construção, ou melhor, de uma sùmula sincrética, elaborada pelo realizador. O cineasta norte-americano recuperou alguns princípios filosóficos e religiosos já existentes, nomeadamente a noção de Natureza perspectivada pelos estóicos.²⁷

A Força é descrita como um “campo de energia criado por todas as coisas existentes, que nos rodeia, nos penetra e une toda a galáxia.”²⁸. É inúmeras vezes identificada como uma entidade capaz de pensamento racional – quase uma espécie de Deus. Daí que a crença na Força se revele

²³ George Lucas, *op. cit.*

²⁴ *Ibidem.*

²⁵ *Ibidem.*

²⁶ *Ibidem.*

²⁷ Além do estoicismo, imprimiu à sua obra nuances ascéticas e místicas de índole cristã, conceitos de religiões japonesas, ideias derivadas do Taoísmo, entre outros filões filosófico-religiosos mais ou menos conhecidos.

²⁸ *Guerra das Estrelas/Star Wars: Episode IV - A new hope* (1977), USA, 121’, realização e argumento de G. Lucas.

um conceito panteísta e que corresponde à *natura* dos estóicos – uma natureza universal que insufla todo o cosmos de racionalidade.²⁹

A Força da ética e a relação Mestre Jedi/sábio estóico

É à *Força*, no sentido moral deste ideal, ou melhor, na sua vertente ética, que Lucas se “agarra”, inspirando-se ferozmente nos modelos estóicos e fazendo deles o código de comportamento de todo um conjunto de personagens e de uma sociedade imaginária.

Ainda que polvilhado de apontamentos filiados em outras expressões e correntes filosófico-religiosas³⁰, o rígido sistema moral que George Lucas criou para trilhar a conduta do Cavaleiro *Jedi* é, indubitavelmente, inspirado e decalcado da ética estóica.

George Lucas assume este sincretismo, afirmando que não foi, contudo, sua pretensão “inventar” uma religião, pois acredita que “todas as religiões são verdadeiras e válidas”.³¹

A criação do conceito de *Força* foi, segundo o realizador, uma forma de fazer despertar nos jovens da década de 70 uma espécie de “espiritualidade”, no sentido de levá-los ao encontro, não tanto de um sistema religioso em particular, mas de uma certa fé em Deus, que estava até então adormecida.³²

²⁹ Veja-se que a noção de Bem e de Mal também afecta este conceito, sendo que existem dois tipos de manifestações morais correspondentes - *the Light Side*, mais conhecido simplesmente pela *Força*, e o *Dark Side* ou *Lado Negro da Força*. Este lado negativo parece ser o mais poderoso mas, na verdade, não o é. É, sim, o mais fácil, mais rápido e o mais tentador caminho para aqueles que desejam alcançar o poder.

³⁰ Como por exemplo, o Cristianismo, o Taoísmo, o Zoroastrismo, o Budismo *Zen*, ou o Gnosticismo/*New Age*. Sobre estas e outras correntes religiosas vide Eliade, M./Couliano, Ioan P., *Dicionário das Religiões*, trad. de Pedro Moreira Araújo, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1993.

³¹ Afirma o realizador : “(...) I remember when I was 10 years old, I asked my mother ‘If there’s only one God, why are there so many religions?’. I’ve been pondering that question ever since and the conclusion I’ve come to is that all the religions are true.” apud Moyer, B., “Of Mith and Men”, *TIME Magazine*, vol. 153, n.º 16 (Abril 26) 1999.

³² Alguns católicos mais radicais e extremistas consideram que a saga *Guerra das Estrelas* e as ideias morais veiculadas por esta escondem conceitos que põem em perigo a fé católica e que são um veículo fortíssimo para a reconquista pagã do

Para uma melhor compreensão de como esta forma de ética “intergaláctica” é *per se* devedora da doutrina estóica, convém que o docente, juntamente com os alunos, assimile o sentido geral da dinâmica da sociedade lucasiana e, principalmente, da elite (a chamada Ordem *Jedi*) que se rege por esta filosofia de vida.

Deste modo, a Ordem *Jedi*, criada por Lucas, é uma Ordem antiga, com milhares de gerações, constituída por cavaleiros protectores, unidos pela sua crença e vigilância/observação da *Força*. Com o evoluir dos tempos e o crescimento da *República*, os *Jedi* tornaram-se nos “guardiães da paz e da justiça”.³³

Estudando sob a orientação dos Mestres, são treinados desde pequenos³⁴, pois são na infância identificados como potenciais cavaleiros, existindo uma idade-limite para o início dessa mesma aprendizagem.³⁵ Logo aí, os laços que mantêm com a família perdem-se completamente, pois são afastados dos agregados familiares.³⁶ Inicialmente são ensinados em grupo, mas na passagem para a adolescência, o aprendiz é orientado por um Mestre que o acompanha para todo o lado. Terminada esta fase, o discípulo presta provas e, uma vez superadas, ascende à categoria de Cavaleiro - *Jedi Knight*.

mondo. Alguns afirmam mesmo que estamos perante um novo «messianismo de tipo antropocêntrico».

Vide López Arboledas, “El ataque de la gnosis” em <http://personal3.iddeo.es/mmdomenechi/starwars.htm>.

³³ Cf. palavras de *Mace Windu*, mestre *Jedi*, in *Guerra das Estrelas – O ataque dos clones/ Star Wars: Episode II – Attack of the Clones* (2002), USA, 142’, realização e argumento de G. Lucas.

³⁴ Nessa altura é-lhes atribuído o nome de *Younglings*; na adolescência chamam-se-ão *Padawans*.

³⁵ *Anakin*, o nosso protagonista, quando foi “descoberto”, já havia atingido uma idade superior à pretendida/exigida para o começo do treino. Algumas foram as vezes que se levantaram contra a falta desse pré-requisito, nomeadamente *Yoda* que se opôs inicialmente ao recrutamento do jovem.

³⁶ Veja-se o caso paradigmático de *Anakin* no Episódio I ao abandonar o seu planeta-natal e a sua mãe. Em relação ao progenitor da criança, a própria mãe, quando questionada, apenas declara que engravidou sem ter tido qualquer contacto físico/sexual com um homem. A criança-prodígio é, assim, fruto de uma concepção especial, diríamos divina. Ainda que alguns estudiosos aleguem que *Anakin* seria filho do Senador *Palpatine*, julgamos estar perante uma clara alusão à tradição judaico-cristã e à figura de Maria e de Jesus Cristo.

O último degrau na hierarquia *Jedi* é o de Mestre (*Jedi Master*), reservado unicamente para aqueles que tenham demonstrado uma extraordinária devoção e controlo da *Força*.³⁷ Uma das personagens fantásticas mais conhecidas do cinema moderno e, além disso, exemplo emblemático do Mestre *Jedi* é *Yoda*, a famigerada “criatura” verde, de tamanho pequeno mas dotada de uma inteligência, perspicácia e sensibilidade extraordinárias.

Yoda encarna o papel do verdadeiro *sapiens* estóico³⁸, actuando com uma imperturbabilidade assombrosa - a verdadeira *ataraxia* - sabendo alhear-se das paixões e dos sentimentos escravizantes que assaltam o Homem.

Vivendo conforme a natureza – *natura sequi* - e movido pela razão, o mestre *Jedi*, ou melhor, o “sábio” *Jedi* está livre de afectos, basta-se a si mesmo, é temente a Deus (à *Força*, neste caso) e aspira ao bem, à *virtus* e ao justo, alcançando, deste modo, a verdadeira *eupatheia*. É também próprio do *sapiens* e seu dever conduzir os outros em direcção à virtude, orientando-os com conselhos e exemplos, numa verdadeira caminhada ascética³⁹.

A relação mestre/discípulo em *Star Wars* que apresenta, assumidamente, bastantes pontos de contacto com a religião/filosofia budista⁴⁰ põe em evidência a noção de *virtus* e dos meios utilizados para alcançar os fins almejados, neste caso, os caminhos para controlar a *Força*. Existe um mestre que tem sempre a seu cargo um aprendiz que é acompanhado incessantemente por ele no seu treino, quer ao nível físico, quer psíquico.

³⁷ O mestre *Jedi* preside ao *Conselho Jedi*, a entidade política central criada pelos *Jedis*, constituída por doze membros, que actua como um órgão governativo para a Ordem e como conselho para o Senado da antiga *República*.

³⁸ Sobre a temática do sábio estóico vide Martín Sánchez, M.^a A., *El ideal del sabio en Séneca*, Córdoba, Caja de Ahorros de Córdoba, 1984.

³⁹ Vide D.L., *SVF* I, 567. Cf. Pimentel, M.C., *Quo uerget furor?: Aspectos estóicos na Phaedra de Séneca*, Lisboa, Edições Colibri, 1993, 13: «A *uirtus* realiza-se em dois tempos: a meditação e a acção. E é por isso mesmo que se deve ensinar os homens a serem virtuosos, através da luta contra o mal, do exemplo na acção correcta e dirigida para o bem.(...)».

⁴⁰ A religião de Buda (Oriente) é muito semelhante à filosofia estóica (Ocidente). Ambas as correntes possuem um forte núcleo comum – princípios e formas muito aproximadas de atingir, por um lado, a ascética *uirtus*, por outro, o contemplativo *nirvana*.

Daqui decorre também a ideia de *filantropia* tão cara aos Estóicos e que os seguidores desta corrente desejavam sempre encontrar nas relações entre todos os homens. Por natureza, o sábio nasce para os outros, para a comunidade humana em geral⁴¹, pois o Homem estóico, contrariamente à perspectiva epicurista (cujo sonho do sábio é viver alheado do mundo), é um ser que só é capaz de se aperfeiçoar no seio de um colectivo social.⁴²

Inspiração estóica e budista é também a exigência de uma conduta espiritual austera, no que diz respeito à moral vivida pelo cavaleiro *Jedi* e que é patente, desde logo, pela própria indumentária deste que se caracteriza por grande simplicidade e despojamento, quer na selecção de cores, quer no próprio corte dos trajes⁴³. Atente-se também na arma - o mítico sabre de luz - usada pelos cavaleiros, marca registada dos mesmos, numa clara homenagem aos filmes de samurais. Trata-se de um instrumento defensivo e não ofensivo (ainda que letal), uma vez que falamos de “guardiães da paz e da justiça”⁴⁴, e não de soldados militares. Mais uma vez, o próprio equipamento se adequa aos propósitos positivos e lógicos dos *Jedi*.

Mas é, de facto, pela boca de *Yoda* que nos deparamos com uma das afirmações mais representativas da herança ética estóica: **“É o medo que leva ao Lado Negro. O medo leva à raiva; a raiva leva ao ódio, o ódio leva ao sofrimento.”**⁴⁵

⁴¹ Note-se a intervenção ao nível político dos Mestres *Jedi*, tal como o sábio que deveria ajudar e participar no governo da sua cidade e conduzir os homens à virtude. Vide Sen., *De Otio* III, 2; D.L. *SVF* III 697.

⁴² Leia-se o que Cícero escreve no *Dos Deveres*, I.7.22: «Mas uma vez que, conforme escreveu muito bem Platão, não nascemos só para nós, e a pátria reclama uma parte da nossa existência, outra parte os amigos, e, como querem os Estóicos, tudo quanto a terra produz foi criado para utilidade do homem, e por sua vez os homens nasceram por causa dos homens, de maneira a poderem ajudar-se uns aos outros, o nosso dever é seguir o caminho indicado pela natureza, servir o interesse geral, prestando mutuamente serviços, dando e recebendo, e, ora por meio da nossa habilidade, ou da nossa actividade ou do nosso engenho, estreitar os laços sociais.», trad. de Rocha Pereira, M. H., *Romana – Antologia da Cultura Latina*, Coimbra, IEC, FLUC, 1994³, 55.

⁴³ Também este guarda-roupa se inspira nas vestes dos samurais do Japão feudal.

⁴⁴ Vide supra nota 32.

⁴⁵ Vide supra nota 18.

Assim, também para os cavaleiros da Ordem *Jedi*, tal como para os Estóicos, as doenças da alma são as paixões, os sentimentos como o medo, a dúvida, a raiva e o sofrimento. E paixão é todo o movimento da alma, irracional e não conforme à Natureza.

Segundo o código “re-inventado” por Lucas, as emoções são inevitavelmente auto-destrutivas, pois conduzem ao *Lado Negro* da *Força*. Logo, todo o cavaleiro *Jedi* deve desprender-se totalmente da sua componente sentimental, das suas paixões, regendo-se pela Razão, a qual o conduzirá ao Bem supremo. Aí será novamente a *Natura/Razão*, ou melhor, a *Força* que regerá o *Jedi Knight*, sendo que a máxima estóica *Natura sequi* encontra eco no princípio delineador de toda a saga lucasiana – “May the Force be with you” - que se reveste, neste contexto, de um sentido verdadeiramente ético-moral, além do cosmológico já explorado anteriormente.

Genericamente, podemos afirmar que as quatro virtudes cardeais advogadas pelos Estóicos – a sabedoria, a coragem, a justiça e a temperança – constituem, de forma basilar, os pilares do sistema ético-moral *Jedi*.

Atentemos também no *slogan* que consta de um dos cartazes promocionais do Episódio III da saga – *A Vingança dos Sith* -, aquele em que nos é relatada a queda moral e física de *Anakin*: **“O Jedi não pode conhecer a fúria, o ódio nem o amor.”**⁴⁶

A verdade é que foi exactamente por uma combinação fatal de emoções, um verdadeiro *cocktail-molotov* de cedências a paixões, que *Anakin* caiu na teia do *Lado Negro*, facção que desejava incessantemente “recrutar” novos soldados para integrar a sua legião do Mal.

O jovem foi movido por um orgulho e ambição desmedidas na ânsia de alcançar o poder e a glória ao invés de simplesmente cumprir as suas obrigações e contentar-se com aquilo que já possui.⁴⁷ O seu temperamento

⁴⁶ Encontramos, contudo, nesta afirmação, uma ideia que Lucas não terá, com certeza, ido beber à doutrina estóica – a impossibilidade de amar. Com efeito, o conceito de família era, para os estóicos, fundamental. O agregado familiar era a primeira entidade natural a que o Homem pertencia, tanto que é aconselhado ao próprio sábio casar e ter filhos. Aliás, é seu dever para com a Natureza, no sentido de dar continuidade à espécie humana.

⁴⁷ Diz *Anakin*: “I’m not the Jedi I should be. I am one of the most powerful Jedi, but I’m not satisfied...I want more, and I know I shouldn’t (...)” in *Guerra das Estrelas -A Vingança dos Sith/ Star Wars: Episode III – Revenge of the Sith* (2005), USA, 140’, realização e argumento de G. Lucas.

flutuante, irascível, avesso à tão desejada *ataraxia*, combinado com uma avassaladora paixão pela bela *Padmé*, fá-lo quebrar um dos mandamentos fundamentais do sistema *Jedi*, conduzindo-o, de uma forma catastrófica e em espiral descendente, a um final mais que esperado - a sua conversão ao *Lado Negro*, qual anjo caído. Na verdade, o fascínio que transpira deste último capítulo⁴⁸, cuja história era por de mais conhecida desde o início da viagem intergaláctica, não está relacionado com O QUE acontece mas, sim, com O MODO como se desenrola o desfecho desta luta entre o Bem e o Mal.

Podemos afirmar que, apesar de a segunda ser bastante mais negra do que a primeira, já com laivos de *film noir*, as duas trilogias terminam de uma forma positiva e com uma mensagem de esperança.

Na primeira (década de 70/80), *Luke Skywalker*, filho de *Anakin Skywalker* que se tornou no malévolo *Darth Vader*, salva e redime o pai que, a todo o custo, o tentara converter ao *Lado Negro* da *Força*, mas sem sucesso. No final do último filme desta trilogia, o vilão, depois de impedir que o Imperador matasse o filho, e já moribundo, retira a sua “famosa” máscara, revelando a sua identidade e reatando os laços perdidos com aquele.⁴⁹ Dá-se o restabelecimento da liberdade na *República*, Luke presta as devidas exéquias ao progenitor, reencontra-se com a irmã *Leia* e *Han-Solo*, e o filme acaba em tom de festa e celebração.

Na segunda trilogia desta saga que é contada em analepse, apesar da morte de *Padmé*, a eterna amada de *Anakin*, o clima final é de esperança, pois esta dá à luz os gémeos aventureiros *Luke* e *Leia* (os quais, sem terem conhecimento, se conhecem, mais tarde, quase se apaixonando, e combatem contra o próprio progenitor) que são separados à nascença para evitar que os

⁴⁸ Porventura aquele que os alunos conhecerão melhor, pois trata-se do filme da trilogia *-prequela* mais recente a nível cronológico.

⁴⁹ Afinal de contas, a irmã *Leia* sempre tinha razão – “havia uma réstia de Bem no pai”. Mais tarde, no final deste capítulo, vêm juntar-se ao festim três figuras muito especiais, que surgem serenas e felizes, e que haviam passado para o Além – *Obi-Wan Kenobi*, *Yoda* e *Anakin* em jovem. Esta aparição *ex machina* do Anjo Caído prova que, apesar de tudo, a sua redenção foi bem sucedida. O Bem sempre ganhou. O seu amor pelo filho e o do filho por si foram a sua salvação e o seu perdão. Vide *Guerra das Estrelas – O Regresso do Jedi/Star Wars: Episode VI – Return of the Jedi* (1983), USA, 134’, realização de Richard Marquand e argumento de G. Lucas.

*Sith*⁵⁰ ignorem a sua existência, nem sintam a *Força* que emana destas duas criaturas especiais.

Como afirmámos anteriormente, a imagem é actualmente um dos mais importantes meios de comunicação. No entanto, a utilização do cinema como recurso educativo não deve ser encarada como substituição do discurso do Professor ou mera ilustração dos conteúdos programáticos a leccionar. O cinema na escola é uma ferramenta didáctica que não deve ser transformada numa “sessão de pipocas” e de puro entretenimento para os alunos, ou uma forma de “matar o tempo” para os professores.⁵¹

Depende, assim, do Professor o correcto aproveitamento da película em situação de aula. Um filme cuidadosamente escolhido, cenas seleccionadas segundo critérios pedagógicos objectivos, são meio caminho andado para o sucesso do cinema como agente educativo. A intervenção do Professor é vital pois, em contexto de aula, o ditado “uma imagem vale mais que mil palavras” nem sempre se pode aplicar, ou corremos o risco de desperdiçar tempo e de a informação cair num vazio total.

A título de sugestão, recomenda-se a elaboração de um roteiro próprio para orientação do Professor, e de um questionário aos alunos antes e/ou após a projecção do filme. É conveniente antes da “sessão” alertar também os alunos para determinados temas/situações/conflitos a que irão assistir, para os quais o docente pretende chamar a atenção.

Já nas décadas de 50/60 afirmava Célestin Freinet reconhecendo a necessidade e utilidade dos recursos tecnológicos na educação: «A desordem persistirá enquanto a escola pretender educar as crianças com instrumentos e sistemas que tiveram validade há 50 anos (...). Subsistirão as lições, os braços cruzados, as memorizações, enquanto fora da escola haverá uma avalanche de imagens e de cinema».⁵²

Que a *Força* esteja convosco.

⁵⁰ Os *Sith* são os Cavaleiros *Jedi* que cederam ao *Lado Negro da Força*, de certa maneira, a legião de verdadeiros anjos caídos de todo o enredo.

⁵¹ Vide Bencini, R., “Filme na aula de História: diversão ou hora de aprender?” in *Revista Nova Escola*, 182, Maio 2005 (Cf. http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0182/aberto/mt_67469.shtml).

⁵² *Ibidem*.

MARIANA MONTALVÃO HORTA E COSTA MATIAS